

**ALÉM DO OBJETO:
MÉTODOS E FONTES NO ESTUDO DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL
BEYOND THE OBJECT:
METHODS AND SOURCES IN THE STUDY OF VIOLENCE IN SOCCER**

Caio Lucas Morais Pinheiro¹

Resumo:

Este artigo trata sobre a metodologia e as fontes utilizadas para a análise da violência no futebol cearense. Nesse sentido, busca-se fazer uma reflexão sobre as estratégias do fazer-história e do uso das fontes para uma reflexão sobre o surgimento das torcidas organizadas. Dessa forma, trata-se de uma análise que envolve o método e a produção de conhecimento sobre a violência das torcidas organizadas e como os torcedores sentem e percebem esse fenômeno no cotidiano. Nesse sentido, esta proposta levanta questões sobre o ofício do historiador a partir da análise das fontes, principalmente no que se refere as fontes orais e as fontes da imprensa no fazer historiográfico.

Palavras-chave: Futebol; Metodologia; Fontes históricas; Torcidas organizadas;

Abstract:

This article discusses the methodology and sources used for the analysis of violence in Ceará soccer. In this sense, we try to make a reflection on the strategies to make history and use of sources for reflection on the emergence of organized fans. Thus, it is an analysis that involves the method and the production of knowledge about the violence of organized fans and how the fans feel and realize this phenomenon in everyday life. In this perspective, this proposal raises questions about the historian's craft from the analysis of sources , especially regarding oral sources and media sources to make historiographical .

Keywords: Soccer; Methodology; historical sources; organized fans;

RECEBIDO 04/10/2016

AVALIADO 23/11/2016

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Mestre e Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Atualmente, é bolsista Da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES e é orientado pelo Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. Email: caiolucasmorais@gmail.com

Torcida Organizadas sob métodos e fontes

Um dos objetivos do presente artigo é analisar as possibilidades metodológicas e as fontes com as quais o pesquisador trabalha na aventura da análise e da produção de um conhecimento sobre a realidade passada. Nessa perspectiva, busca-se discutir as opções metodológicas e o caráter das fontes para o estudo do surgimento das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza, tendo em vista uma história comparada da primeira torcida organizada do Ceará Sporting Club e do Fortaleza Esporte Clube.

Fazer uma reflexão sobre o uso das fontes históricas e o modo como o historiador opera os vestígios aos quais tem acesso nunca será acabada. Na medida em que o tempo flui, novas questões se lançam e outros olhares sobre o passado brotam, mudanças incessantes similares a visualização de um nascer do sol, fenômeno que acontece cotidianamente e nunca visto da mesma forma, tal como a própria atitude intelectual.

Esse processo contínuo e nunca repetido se estabelece a partir do pesquisador, parte integrante e fundamental na busca do conhecimento sobre o passado. O historiador, portanto, é um sujeito que tem papel fundamental na relação de trabalho com o empírico e as descobertas, consubstanciando o pensamento da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, segundo o qual “a história cultural veio valorizar o – e dar reforço ao – papel do historiador²”.

Nesse momento em que a História Cultural atingiu um patamar importante na historiografia, investigar o surgimento das torcidas organizadas no espaço urbano e o modo como elas se fixaram não apenas no esporte, como também na cultura de jovens e da sociedade em geral, possibilita revelar histórias que mobilizaram grande quantidade de pessoas e sua relação com o urbano.

Esta realidade aproxima a história ao esporte e abre perspectivas em diálogo com a conjuntura da historiografia contemporânea: o surgimento de novos problemas e questões e, em consequência, objetos de pesquisa antes desconhecidos ou vistos com indiferença, pois “com a conquista de novos objetos e de novos territórios, a acumulação de trabalhos eruditos, o aprofundamento dos métodos, o avanço da informática, a prática do historiador foi grandemente renovada³”.

A importância desse trabalho está em perceber o futebol como uma manifestação sociocultural imersa no cotidiano contemporâneo, que produz saberes e revela experiências e

²PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo in **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber dos SANTOS Miriam de Souza Rossini; Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. p.12

³BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique. Em que pensam os Historiadores? In **Passados recompostos**; campos e canteiros da história / organização Jean Boutier [e] Dominique Julia; tradução de Marcella Mortara [e] Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Edirotra FGV, 1998, p.21.

histórias de vidas no âmago da sociedade. Em consonância, Martha Navarro afirma que “Como se puede ver el deporte abarca muchos más fenómenos de los que a veces se captan a primera vista y de entre los deportes el fútbol es sin duda el más representativo y predominante en todas las sociedades y el que más aspectos intrínsecos conlleva⁴”.

Os aspectos intrínsecos aqui buscados são aqueles que revelam um conhecimento sobre a mobilização organizada das torcidas e sua inserção social. Entretanto, para se conhecer e reconstruir o surgimento das torcidas organizadas, necessita-se de sinais e de traços que carregam consigo informações desse passado.

O caráter de fonte para esses vestígios de outro tempo depende do pesquisador e, no caso específico da origem das torcidas organizadas, os testemunhos orais, os impressos em jornais, as imagens ou os próprios documentos produzidos pelas torcidas organizadas portam essas informações à procura do intelectual.

Dessa forma, o historiador trabalha com pistas, indícios e sintomas⁵ de um outro tempo que podem levá-lo ao mais próximo do fato e a uma reconstrução do seu objeto de pesquisa. Tais documentos, contudo, não estão dispostos, precisam da análise do historiador, processo em que muitas vezes remete a um árduo trabalho de compor tramas, supor hipóteses e montar estratégias.

Nessa proposta de estudo, a busca pelas informações do período de surgimento das torcidas pode ocorrer a partir dos relatos orais através de entrevistas, dos periódicos e das imagens dos arquivos dos depoentes.

A investigação sobre o fenômeno das torcidas organizadas teve como ponto de partida os pressupostos da História Cultural, que concede relevância ao método do fazer-história, pelo qual as representações, o simbólico, as sensibilidades e as experiências tornaram-se fundamentais para a compreensão dos sujeitos históricos no cotidiano.

Nessa perspectiva, tudo que nos remete à realidade desse cenário urbano em que há a presença das torcidas organizadas pode ser considerada fonte devido à ampliação da noção do que é fonte histórica, onde não apenas os documentos oficiais ou fontes escritas são consideradas válidas para a análise.

Destarte, para dar continuidade à pesquisa, iniciamos a compilação de fontes, entendendo que o historiador, muitas vezes, tem a função de selecionador. O historiador, portanto, realoca

⁴ NAVARRO, Martha Eugenia Heredia. La psicología deportiva y el fútbol. Revista Digital Universitaria, Volumen 6 Número 6, 2005. Disponível em http://www.revista.unam.mx/vol.6/num6/art62/jun_art62.pdf, p.05

⁵ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** Carlo Ginzburg ; tradução: Frederico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

vestígios e dá-lhes o caráter de fonte, produzindo documentos e, a partir disso, constrói histórias e desfechos que envolve procedimentos em uma operação historiográfica⁶.

Ao longo da escrita deste trabalho, utilizamos como fonte os periódicos “Diário do Nordeste” e o “O Povo”, o depoimento dos sujeitos entrevistados e as imagens e os documentos dos arquivos pessoais desses atores sociais.

Reconhecendo o limite dos periódicos utilizados, vale salientar que fizemos uma pré-seleção dos jornais existentes na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, tendo como critério inicial a frequência de circulação e terem sido publicados entre as décadas de 1970 e 1990.

A partir desse momento, utilizamos o Jornal “O Povo”, disponível em microfilmes no setor da hemeroteca e o “Diário do Nordeste”. Também utilizamos as sedes privadas desses jornais para consulta, onde disponibilizam um setor para pesquisa.

Depois de selecionarmos tais periódicos, analisamos a estrutura desses periódicos para tomarmos conhecimento geral das publicações, atentando para as colunas, o setor esportivo e, em geral, para as reportagens sobre hábitos e costumes das torcidas dos dois principais clubes da cidade de Fortaleza. Segundo essa perspectiva, também

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. [...] Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê⁷.

Também levamos em conta o lugar social em que se situam esses periódicos, pois representam o discurso de um grupo da elite da cidade e possuem um teor que muitas vezes não condiz com a realidade da população da época. Portanto, não considerar essas influências e deixar de fazer uma análise sobre o que os jornais falam compromete a discussão e os objetivos da pesquisa histórica.

O jornal “O Povo” foi fundado em 1928 pelo jornalista Demócrito Rocha e, durante o período do recorte temporal deste trabalho, era publicado diariamente, tendo seu caderno de esportes, porém reportagens que tratavam sobre o futebol e as torcidas frequentemente apareciam na capa, dependendo da importância do fato coletado.

O jornal “Diário do Nordeste” iniciou suas atividades no início dos anos 1980 e logo adquiriu importância na sociedade fortalezense, principalmente por ter sido criado por um grupo econômico influente na cidade.

⁶ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

⁷ PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ed., 1ª impressão. – São Paulo – Contexto: 2008, p.132.

Enquanto que o jornal O Povo circulava desde os anos 1920, o Diário do Nordeste teve sua primeira publicação em 1981, o qual pertencia ao Sistema Verdes Mares de comunicação, de propriedade do empresário cearense Edson Queiroz. Na sede dos dois jornais também foi possível realizar pesquisas, porém o serviço é privado e demanda investimento financeiro.

Os dois jornais circulavam diariamente e possuíam o setor de esportes em virtude da importância e da mobilização que o futebol arraigava na cidade. Entretanto, ambos tratavam as torcidas de maneiras diferentes, ora destacando aquelas do Ceará Sporting Club e ora enaltecendo as do Fortaleza Esporte Clube.

Para além dos documentos, o historiador necessita do método, de como interpretar, de procedimentos e de instrumentos, o seu arcabouço técnico. Além do trato particular com os jornais, procurando nas entrelinhas das reportagens as informações sobre as torcidas e tendo como pano de fundo o lugar social dos periódicos, a principal metodologia trata-se da História Oral, realizada através de um conjunto de procedimentos e do compromisso ético entre entrevistador e entrevistado, que fez com que o fascínio do vivido⁸ por integrantes e torcedores da época se tornasse essencial para a narrativa deste trabalho.

Para escrever sobre essa outra realidade, recorreremos à História Oral por acreditarmos que ela possibilita alcançar um mundo de sentimentos através das recordações e dos esquecimentos. Entretanto, “uma pesquisa que emprega a metodologia da História oral é muito dispendiosa. Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros⁹”.

O recurso da metodologia da História Oral também proporcionou tornar público histórias de vidas particulares de sujeitos que foram fundamentais para a formação do fenômeno das torcidas organizadas e que permaneciam desconhecidos na academia.

Essas minúcias, porém, não são produzidas apenas pelo “testemunho oral”, mas por um “trabalho de relação”, em que “o testemunho oral é apenas uma fonte potencial, que existe na medida somente em que o investigador toma a decisão de dar início a uma entrevista¹⁰”.

Portanto, a aparência de que a História Oral foi feita para deixar os outros falar no lugar do historiador é abandonada pelo autor, que adverte ocorrer, na verdade, o contrário, pois o historiador não é um intermediário, e sim um “protagonista presente”. “Junto ao eu do informante está o eu do historiador: uma relação que é acentuada pelo facto de ambos serem

⁸ ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

⁹ PINSKY, idem, p.165.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro - **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**: ética, memória e acontecimento na história oral - introdução Miguel Carina ; seleção e tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. [S.l.] : Edições Unipol, 2013, p.34.

narradores. O informante é, em certa medida, historiador; e o historiador é, em certa medida, parte da fonte¹¹»

A meta do historiador se faz diante da relação com o empírico, compondo tramas, levantando hipóteses, traçando desfechos de uma outra realidade e de experiências que movimentaram outro tempo. Ao historiador, portanto, cabe o papel de selecionar as fontes, experimentá-las, cruzá-las e utilizá-las conforme as questões que levanta a partir do tempo da sua escrita.

Nessa experiência, os depoimentos utilizados como fontes foram tratados a luz do “ouvir contar¹²”, onde as memórias individuais foram relacionadas a memória coletiva da torcida organizada, tentando perceber o plano de fundo, os sentimentos e as subjetividades nesses processos de rememoração¹³. Portanto, foi possível considerar as fontes orais devido às técnicas e aos procedimentos da História Oral, compreendendo que esta é uma metodologia que aproxima as diversas ciências humanas e propõe um conhecimento transdisciplinar¹⁴.

Esses estudiosos da metodologia da História Oral dialogam com Alessandro Portelli, que defende a História Oral como sendo não apenas técnica ou uma prática, e sim uma metodologia que envolve ética, técnicas, procedimentos, prática, sensibilidade e uma responsabilidade social.

Aqui compreendemos a História Oral como uma metodologia que necessita de um apoio teórico a fim de não reduzir o trabalho a uma simples transcrição de entrevistas¹⁵. Portanto, entendemos que a relação entre Memória e História possibilita uma dimensão à análise ao permitir um intercâmbio entre o coletivo e o individual.

Apesar das diferenças, dos juízos de valor e da subvalorização de uma ou outra na trajetória da relação entre a História e a Memória, esta relação é reveladora na medida em que se analisa as possibilidades, aproximações e distanciamentos entre elas. Logo, a concepção dualística de que a memória “petrifica, marmoriza, fossiliza, estratifica [...] A História é análise, é crítica, é vida que flui e muda de acordo com as necessidades sociais, econômicas do presente e as aspirações e esperanças do futuro¹⁶” não se mostra como a melhor estratégia para entender os meandros da memória.

Sobre o ofício do historiador nessa relação, Gisafran Jucá afirmou:

¹¹ (Ibid, p.38)

¹² (ALBERTI, idem)

¹³ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premius, 2011.

¹⁴ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

¹⁵ JUCÁ, idem, p.31)

¹⁶ Idem, p.19

O envolvimento do pesquisador com a Memória e a História trouxe à baila uma prova concreta do enriquecimento das modalidades e trabalhar a História, que não mais resulta da visão exclusiva do profissional a ela dedicado, mas o aproxima dos agentes do processo estudado, dividindo a co-autoria do que é produzido, pois a memória coletiva ou memória social torna mais dinâmicas as modalidades de compreender e interpretar os meandros das informações coletadas¹⁷.

Nesse sentido, instiga-se a sociabilidade torcedora no cotidiano de Fortaleza buscando, através de uma investigação histórica, compreender as ações desses agentes nos estádios e nas experiências construídas pelo Movimento de Renovação Alvinegra e pela Garra Tricolor.

Delimitamos a investigação sobre as Torcidas Organizadas devido à forma específica pela qual manifestam sentimentos e constituem sociabilidades. Nessa perspectiva, a escolha pela primeira torcida organizada dos principais clubes da cidade de Fortaleza é sintomática do lugar social deste trabalho: a preocupação com a História e o tempo. Lucien Febvre afirmou que a História é concomitantemente a ciência do passado e a ciência do presente, o que envolve tanto o tempo da pesquisa como o tempo do objeto em um diálogo de mão-dupla.

Pluralização da violência: sensibilidades e percepções de torcedores na cidade de Fortaleza

O primeiro modelo das primeiras torcidas organizadas foi entrando em decadência na medida em que a violência passou a ser um fato praticado pelos torcedores. Os chefes de torcida das charangas, nos anos 1960 e 1970, e os fundadores das primeiras torcidas organizadas nos anos 1980 não planejaram o funcionamento das suas torcidas se envolvendo com a violência.

Entretanto, o fenômeno das torcidas organizadas resistiu ao crescimento da violência no espaço urbano, embora outras torcidas organizadas adquiriram a centralidade nos estádios de futebol em Fortaleza.

As principais torcidas organizadas que conseguiram coexistir com a violência urbana foram a Torcida Organizada Cearamor (TOC) e a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). A permanência dessas instituições e a extinção das torcidas organizadas anteriores não significou que a TOC e a TUF defendiam a violência, mas novos aspectos presentes na ideologia e na prática dos seus componentes, conforme sugeriu Josiane Ribeiro (2010), possibilitaram a convivência com o confronto entre as torcidas. A partir dos anos 1990, o “baile-funk” e o caráter da masculinidade permearam a atividade dessas torcidas.

Vale ressaltar ainda que, durante os anos 1980, houve esporádicos casos de violência nos jogos de futebol. Embora fosse difícil de captar esses casos, na investigação dos anos 1980, só

¹⁷ Idem, p.41

encontramos um caso de violência noticiado pelo jornal Diário do Nordeste em 1982, com o seguinte título “Torcedor assassinado no jogo do Fortaleza”:



Figura 01: Assassinato no jogo entre Fortaleza e Ferroviário
Fonte Jornal Diário do Nordeste

O torcedor do Fortaleza Francisco Erivaldo Leite, integrante da torcida organizada Fiel Tricolor, foi empurrado por outro torcedor, integrante da torcida do Ferroviário Atlético Clube, e caiu das arquibancadas do estádio Castelão. A notícia teve enorme repercussão na imprensa e, durante alguns dias, continuou a ser assunto do ambiente esportivo, revelando como uma notícia do futebol nas páginas policiais do jornal era uma surpresa e inaceitável naquele período.

Quando o assunto sobre violência no futebol é retratado, sempre nos remetemos às brigas entre torcidas rivais, principalmente na década de 1990 e nos anos 2000, quando a tensão entre as torcidas organizadas eram os principais motivos para a eclosão de conflitos¹⁸.

A consolidação das torcidas uniformizadas foi um processo instável para a maioria delas, mas que se sustentaram através da rivalidade com a torcida do outro time para conseguir se estabilizar estruturalmente. Economicamente, consolidaram-se pela venda de camisas, bonés, shorts, etc. e outros materiais audiovisuais, como também pela associação dos membros nas torcidas, que foi uma estratégia adotada como recurso financeiro utilizado até os dias atuais.

Em Fortaleza, a principal torcida organizada do Ceará Sporting Club, “Torcida Organizada Cearamor” (TOC), foi fundada em 1982 e, quase que uma década depois, foi criada a sua principal rival, a “Torcida Uniformizada do Fortaleza” (TUF), em 1991. Durante a década

¹⁸ TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

de 1990, a disputa e a oposição entre essas duas associações torcedoras figuravam intensamente no cenário esportivo cearense, principalmente em dias do “Clássico-Rei”.

Nessa perspectiva, notava-se cada vez mais uma relação de rivalidade entre esses dois grupos de torcedores organizados, que, repetidamente, protagonizavam cenas de violência nos estádios. A violência, nesse momento, evidenciava-se principalmente através do confronto entre as torcidas no entorno dos estádios, situação que se acentuava quando o sistema de segurança da Polícia Militar do Estado do Ceará não era suficiente para conter as ocorrências.

A quantidade de brigas, de conflitos e de outros tipos de ocorrências dificultava a sistematização da violência para o ofício dos policiais devido à diversificação de espaços que tais fatos ocorriam, desde os terminais de ônibus e o percurso ao estádio até aos momentos anteriores aos jogos no entorno das praças esportivas. Gustavo Teixeira de Oliveira¹⁹, ao ser interrogado sobre a violência nos anos 1990 e 2000, relatou:

Pelo que lembro, de certa forma já havia alguma violência próximo aos estádios, principalmente quando eram jogos de clássico. Lembro de confusões com polícia/cavalaria nas entradas, devido a grande quantidade de pessoas para entrar. Sempre se tem notícias de brigas nos terminais de ônibus ou nos arredores do estádio em dias de clássicos²⁰

Nesse período, a violência se revelava principalmente pela confusão entre as torcidas organizadas rivais em dias de clássico, isto é, a violência era recortada e percebida em jogos entre Fortaleza e Ceará, os clássicos que protagonizavam conflito entre as torcidas organizadas. Outro depoente, André Luiz Acioly Simões²¹, sobre a sua percepção da violência, respondeu: “Havia confronto entre torcidas organizadas ou dentro da própria torcida. Briga entre torcedores, ônibus quebrados com pedras²²”. O segundo entrevistado acrescentou ainda a presença de brigas entre integrantes da mesma torcida, ou seja, confusões ou brigas praticadas por torcedores do mesmo clube, aspecto contraditório que começou a se fazer presente nos estádios.

Essa situação criou um modo particular de sensibilidades, que são um conjunto de estímulos sociais que são percebidos através das reações das pessoas e que podem incorporar ou não outros aspectos, como podemos notar nas ponderações de José Antônio Abib: “Uma nova sensibilidade depende de sensações, percepções e prazeres. Mas o processo psicológico fundamental dessa nova sensibilidade é a imaginação²³”. Nesse sentido, qual foi a imaginação dos torcedores diante da violência nesse período? Que elementos poderiam emergir nesse cenário?

¹⁹ Gustavo Teixeira de Oliveira atualmente é advogado e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

²⁰ OLIVEIRA, Fortaleza, 24 set.2012.

²¹ André Luiz Acioly Simões atualmente é advogado e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

²² SIMÕES, Fortaleza, 26 set.2012.

²³ ABIB, José Antônio Damásio. Sensibilidade, felicidade e cultura. **Temas em Psicologia**. 2010, vol.18, n.2, pp. 283-293. Disponível em <<http://www.sbsonline.org.br/revista2/vol18n2/PDF/v18n2a03.pdf>>. Acesso em 22 de setembro de 2012, p.289.

Victor Cardoso²⁴, interrogado acerca dessa problemática, sugeriu um ponto interessante para análise: a busca pela prevenção. Em suas palavras: “Lembro do meu pai dizendo para não vestir nenhuma camisa que trouxesse as cores do adversário, desde que o adversário tivesse torcida organizada rival com a torcida organizada do meu time²⁵”. Percebemos que a tentativa de evitar possíveis contratempos se iniciava desde a escolha do trajeto para se chegar ao estádio até as vestimentas que se usava para ir ao estádio.

A prevenção para evitar que a violência afetasse diretamente o depoente obrigava o torcedor a deixar de usar um símbolo da sua identidade. A partir dos anos 1990, portanto, alguns torcedores na cidade de Fortaleza optaram pela descaracterização devido ao contexto de violência nos jogos de futebol.

Se comparado ao contexto de emergência das torcidas organizadas nas décadas de 1960 a 1980, essa atitude estaria distorcida do que se entendia por torcida, paixão e futebol, pois naquele momento os torcedores rivais tinham a possibilidade de conviver tranquilamente, seja no dia a dia como em dias de clássicos, e até mesmo no trajeto juntos para o estádio.

Portanto, vemos que a violência vinculava-se, em geral, à rivalidade entre os torcedores organizados. Contudo, com o passar do tempo outras formas de violência foram dinamizando esse fenômeno.

Sucessivos fatos de violência nos jogos de futebol no Estádio Presidente Vargas foram debatidos pela mídia nacional esportiva, em jornais locais e pela sociedade cearense nas reportagens “Moradores denunciam arrastão feito por torcedores no entorno do PV”²⁶ e “Antes de jogo, torcidas organizadas entram em conflito em Fortaleza”²⁷. As duas notícias analisam, além do confronto entre as torcidas organizadas, a presença de assaltos, arrastões e degradação do patrimônio público nas praças e nas ruas do Bairro Benfica, no qual se encontra o Estádio Presidente Vargas.

Nota-se uma pluralidade do vandalismo, que não se agravava ou se apresentava somente em dias de clássicos entre Fortaleza e Ceará, mas de forma generalizada. Os atos de violência são múltiplos e se desenvolvem entre diferentes sujeitos.

Com certeza há uma escalada da violência na atualidade próximo aos estádios de futebol. Infelizmente nos jogos do Fortaleza também se percebe isso. Vemos também assaltos, furtos e arrastões em dias normais de jogo, com torcida única, sem ser clássico,

²⁴ Victor Cardoso atualmente é estudante de Engenharia Civil e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

²⁵ CARDOSO, Fortaleza, 25 set.2012

²⁶ Disponível em <<http://www.jangadeiroonline.com.br/policia/moradores-denunciam-arrastao-feito-por-torcedores-no-entorno-do-pv/>>. Acessado em 25 de setembro de 2012.

²⁷ Disponível em <<http://www.tvcanal13.com/noticias/antes-de-jogo-torcidas-organizadas-entram-em-conflito-em-fortaleza-24595.html>>. Acessado em 26 de setembro de 2012.

de modo que a frequência é bastante elevada, tendo notícia de práticas desse nível quase todos os jogos, infelizmente²⁸.

Arrastões, furtos e brigas entre torcidas organizadas do mesmo time, assim como confusões entre torcedores e policiais são alvos de discussões nas redes sociais e nos jornais que circulam diariamente, abrangendo, assim, o debate sobre a importância do esporte e a violência que o acompanha ultimamente na cidade. Ainda nesse sentido, Arthur Paes Lima²⁹ corrobora:

Sempre houve violência, mas acho que agora a coisa está bem mais grave. Hoje em dia são mais brigas entre as torcidas e mais violentas ainda, além dos arrastões que sempre temos notícia, destruição do patrimônio público, etc. Não lembro de antes ter notícia de muitas mortes por conta de jogos ou torcidas, coisa que hoje em dia tá ficando cada vez mais frequente³⁰.

O depoente chama atenção também para a violência e dano ao patrimônio público, mencionada também nas reportagens dos jornais expostos. Essa violência se materializa na destruição de banheiros, quebra de cadeiras nos estádios e da estrutura das praças próximas aos estádios, depredação da sinalização nas ruas, além da própria degradação do estádio.

A violência não se delimitou apenas em dias de jogos de clássicos regionais, como anteriormente discutimos, pois se mostrava generalizante, abrangente e complexa, envolvendo, além das brigas, destruição do patrimônio público, o bem-estar social nos arredores do estádio para os moradores.

Nesse sentido, esse sistema plural que envolve futebol, imprensa, violência e sociedade passou a agregar novos valores e novas perspectivas na configuração social do esporte, denotando outras visões que eclodem com a formação de uma opinião pública generalizante contra o futebol.

E sobre o papel do torcedor nessa pluralidade, cabe ainda acrescentar a posição de Luis Henrique de Toledo quanto ao olhar do indivíduo que participa e sente o esporte: “A condição de torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, tipos de sociabilidade e imagens que transcendem aquelas impostas pelo cotidiano ao indivíduo no papel de cidadão comum³¹”.

A partir dessas vivências descritas, surgem a sensibilidade e a percepção que nos aflige e se inserem em um contexto, que é lembrado por Abib pela relação entre mundo e indivíduo:

O conceito de sensibilidade contribui para integrar diversas áreas de pesquisa psicológica. Sensação, percepção, sentimento, emoção, são processos psicológicos que pertencem à esfera da sensibilidade.

²⁸ OLIVEIRA, idem.

²⁹ Arthur Paes Lima atualmente é administrador e começou a frequentar os estádios de futebol nos anos 1990, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e não integra torcida organizada.

³⁰ LIMA, Fortaleza, 26 set.2012.

³¹ TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p.41.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

A sensibilidade não existe como interioridade fechada sobre si mesma. Ao contrário, ela existe em relação com o comportamento. E como o comportamento existe em relação com o mundo, a sensibilidade também existe em relação com o mundo. Quando sentimos emoções, estamos sentindo o mundo³².

A vivência em dias de jogos, para além dos times em disputa nos campos de futebol, permite-nos refletir sobre outros fatores inerentes à perspectiva de esporte que os torcedores possuem e, por isso, não podem deixar de ser registrados e, acima de tudo, discutidos academicamente. Sobre essa relevância, Toledo conclui:

Descrever os usos dos espaços públicos pelos torcedores consiste em revelar também a cidade na sua diversidade e heterogeneidade. As percepções da esfera pública por parte destes, que afluem semanalmente aos estádios, devem ser entendidas através das diferentes representações e apropriações que fazem deste domínio³³.

Nos discursos dos depoentes, essa vivência “extra-campo” muitas vezes coincidiu, seja nas conversas em bares e praças como em outros espaços que servem como lugares de discussão, de percepção e de criação de novas posturas diante do significado do esporte. Sobre esse assunto, Gustavo Teixeira afirma: “Geralmente, quando são jogos no PV, fico na praça da Gentilândia ou ruas próximas. A grande maioria dos torcedores frequentam bares ou simplesmente os “trailers” por perto, geralmente para beber alguma coisa (cerveja, cachaça) e comer petiscos³⁴”. Ainda nessa perspectiva, Arthur Lima concorda: “Costumo ficar com os amigos conversando, bebendo um pouco e aí quando tá mais perto do início do jogo a gente entra. Geralmente ficamos ali na pracinha da Gentilândia, em frente ao Caicó[restaurante localizado próximo ao estádio]³⁵”. O momento que antecedia os jogos de futebol, independente do clube que seja, é fundamental para o diálogo, a percepção e a construção de olhares sobre as situações violentas presenciadas.

A opinião pública se construiu a partir dessa nova perspectiva no futebol, revelando essa situação de novos valores, símbolos e apropriações da violência, que reverberam no posicionamento a favor ou contra a existência de torcidas organizadas, cujo assunto envolveu variados problemas, tais como: segurança, educação, política estatal, ação do Ministério Público, etc.

Esses torcedores são sujeitos históricos e agentes do cotidiano que interferem e mobilizam a sociedade, resultando em atitudes que, correta ou equivocadamente, evidenciam o papel social dos indivíduos.

³² ABIB, *idem*, p.291

³³ TOLEDO, *idem*.

³⁴ OLIVEIRA, *idem*.

³⁵ LIMA, *idem*.

Em Fortaleza, ultimamente a construção dessa opinião pública sobre a violência no futebol vem sendo cada vez mais intensa, eclodindo em algumas medidas, como podemos perceber a seguir:

O Ministério Público Estadual (MPE) recomendou e a Federação Cearense de Futebol acatou. A entidade publicou nesta sexta-feira (21) uma resolução que proíbe integrantes, associados e simpatizantes de duas torcidas organizadas do Fortaleza de frequentar estádios de futebol com objetos identificadores das facções. De acordo com o documento, a punição da **Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF)** vale por **três meses**. Já para a **Torcida Jovem Garra Tricolor (JGT)** a punição vale nos **próximos dois jogos da equipe no PV**. A medida, que passa a vigorar a partir desta sexta-feira (21), foi baseada nas ocorrências registradas nos relatórios da Polícia Militar sobre os jogos entre Fortaleza x Santa Cruz, no último dia 12 de agosto, e Fortaleza x Paysandu, no dia 16 de setembro passados, ambas no Estádio Presidente Vargas, em jogos válidos pela Série C.³⁶

Mais recentemente, em decorrência do jogo entre as equipes do Fortaleza e do Paysandu no dia 16 de setembro de 2012, um torcedor foi proibido de ir aos jogos de futebol após ter sido apreendido com um explosivo dentro do estádio, como nos mostra a notícia: “O torcedor preso em flagrante, no último domingo, 16, com bomba caseira no Presidente Vargas (PV), foi proibido de frequentar ou se aproximar, pelo prazo de um ano, de estádios onde ocorram jogos do Fortaleza”³⁷.

Não nos preocupamos em avaliar as punições aplicadas pelo Ministério Público, mas cabe ressaltar que a instituição Torcida Uniformizada do Fortaleza foi proibida de entrar no estádio, embora todos os indivíduos que fazem parte da torcida e praticaram vandalismos nos episódios citados poderão frequentar os estádios durante a proibição temporária daquela instituição, mas contando que não levem nenhum objeto que os identifiquem enquanto torcedor organizado.

Essa medida revela lacunas e foi bastante polêmica na sociedade, mostrando falhas nos atos punitivos e revelando como o futebol e as torcidas foram se modificando com o tempo até chegar à situação de serem proibidas de entrar nos estádios.

Considerações finais

³⁶ Disponível em <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/fortaleza/2012/09/21/noticiasfortaleza,2434786/ministerio-publico-suspende-duas-torcidas-organizadas-do-fortaleza-de.shtml>>. Acessado em 24 de setembro de 2012.

³⁷ Disponível em <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/fortaleza/2012/09/20/noticiasfortaleza,2434552/torcedor-preso-com-explosivo-esta-proibido-de-ir-a-estadios.shtml>>. Acessado em 24 de setembro de 2012.

Este artigo aponta para a necessidade de novas perspectivas para o estudo do futebol. Dando prosseguimento aos estudos sobre futebol deste autor, nesta proposta de estudo nos dedicamos a compreender a violência de uma maneira diferenciada, sem a intenção de esboçar uma conclusão sobre o tema, mas deixar em aberto discussões que possam vir a acrescentar o debate.

Desse modo, destacamos, no primeiro momento do artigo, uma rápida reflexão sobre os métodos e as fontes para se estudar torcida organizada. Nesse sentido, analisamos a maneira como lidar com periódicos e como fazer entrevistas.

Em seguida, apontamos para a decadência das torcidas organizadas que haviam sido fundadas no início dos anos 1980 e para o florescimento e consolidação das torcidas organizadas que são consideradas as maiores na cidade de Fortaleza, a TUF e a Cearamor.

Na tentativa de compreender as diversas formas com as quais a violência é percebida por torcedores, fizemos uma discussão sobre sensibilidade, cujo fato no fez denomina-lo de pluralização da violência. Esse aumento dos atos de violência foi percebido pelas reportagens de jornais e pelo depoimento de torcedores.

Não nos dedicamos, nessa oportunidade, para a discussão específica da atuação da Polícia e do Ministério Público frente a violência das torcidas organizadas, não por considerar menos importante, mas por espaço e não ser objetivo do trabalho.

FONTES

ENTREVISTADOS

André Luiz Accioly Simões

Local: Residência do entrevistado

Data: 26 de setembro de 2012

Gustavo Teixeira de Oliveira

Local: Residência do entrevistado

Data: 24 de setembro de 2012

Arthur Paes Lima

Local: Residência do entrevistado

Data: 26 de setembro de 2012

Victor Oliveira Cardoso

Local: Residência do entrevistado

Data: 25 de setembro de 2012

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal O Povo (1965-1993)

Tribuna do Ceará (1980-1985)

Diário do Nordeste (1980-1993)

IMAGENS

- Acervo Pessoal dos entrevistados
- Acervo dos periódicos